CÉU CELESTE

Clara Rose Gomes dos Santos

Curso de História - Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Contato principal: clara.rose@mail.uft.edu.br

Resumo: *Este conto foi escrito inspirado na obra “Cem anos de Solidão” do célebre autor colombiano, Gabriel García Márquez. Fazendo uso de expressões e enredo análogos ao da obra já mencionada, conto a história de uma jovem e intensa personagem de nome Celeste.*

Aquela manhã de verão haveria de ocupar um lugar especial na memória de Celeste. O casarão encontrava-se agitado, todos realizavam alguma atividade doméstica. O padraсто trabalhava naquele dia em outro retiro da antiga fazenda, o irmão do meio varria a varanda e a irmã mais nova perturbava o juízo da mãe, enquanto esta estendia roupas no varal. Enquanto Celeste lavava louça recebera de sua mãe ordens de não deixar que o fogo do fogão à lenha, onde estava sendo preparado uma suã de porco, se apagasse. Atormentava-lhe tanto a rigidez da mãe, que só de imaginar contrariá-la o medo lhe fazia subir um frio pela espinha. Infelizmente, o maldito fogo apagou e Celeste apavorada atçou as brasas como pôde, mas não conseguiu reavivar o fogo. Por impulso, pegou um galão de gasolina que encontrava-se ao lado e jogou um pouco do líquido sob as brasas, em seguida, estufou o peito de ar e soprou com o rosto perto demais, as brasas do fogão. O fogo chamoscou sua bochecha, deixando-a na carne viva e teria queimado toda a sua face, se no espanto não tivesse virado o rosto para o lado. Muitos anos depois, sentada em sua cadeira de balanço sob o pé de ipê do quintal, Celeste haveria de se recordar do acidente e se perguntava se o que fez sumir a terrível cicatriz do seu rosto foram os remédios que os enfermeiros receitaram ou a promessa que sua mãe fez de que nunca mais seria tão rígida se o rosto da menina voltasse a ser como era antes. De fato, Guadalupe fez um imenso esforço em não ser ríspida com a menina, e vez ou outra era pega orando de joelhos no chão e rosto voltado para o céu a qualquer hora do dia, lamentando o acontecido e suplicando a cura de sua filha, não somente do rosto, mas do coração, pois há dias percebia que Celeste não cantava alegremente como fizera antes e por recomendação dos enfermeiros, não podia sair para sentir o calor do sol em sua parda pele, saía somente para ver

como o céu estava no crepuscular entardecer, um costume que há muito conservava, pois fora a beleza do céu que muitas vezes consolara seu coração, quando ninguém mais podia. O que lhe perturbava apesar de ser jovem, não era somente o infortúnio de o destino ter permitido que parte do seu rosto fosse queimado, mas toda a trajetória de sua vida.

Celeste, era um ser frágil. Nunca tivera boa saúde e não havia um ano em que não ficasse internada no pequeno e rústico hospital do povoado sob os cuidados dos enfermeiros que, por sinal, já a conhecia muito bem pela frequência em que frequentava o lugar. Seu pai biológico, que já era bem velho, faleceu em um terrível acidente cinco meses após o seu nascimento, e às vezes, mesmo sem o ter conhecido, lamentava sua falta. Pois mesmo que seu padrasto fosse um homem que aparentava ser bondoso, sério e calmo, Celeste muitas vezes fora pega de surpresa por seus fixos olhares estranhos direcionados a ela. Raramente conseguia ter um boa noite de sono. Sendo a única acordada depois da meia-noite, certas vezes escutava passos de pessoas andando pela casa, ouvia vozes desconhecidas, via vultos e sentia uma energia obscura e desconhecida se aproximar sempre que conseguia cochilar por alguns instantes, o que de súbito a assustava e fazia com que ficasse de olhos bem abertos, até que o cansaço vencesse o medo. Sempre dormia coberta da cabeça aos pés, mesmo que o calor infernal das noites de verão a fizesse encharcar seus lençóis de suor. E agora, com parte do rosto em carne viva, dormir tornou-se um desafio maior. Por isso, passava o dia cabisbaixa, estava abatida, as olheiras eram tão perceptíveis que parecia que ela havia contornado os olhos com carvão, era a imagem de quem não suportava mais as lástimas da vida. Quando lhe perguntavam se estava bem, acenava com a cabeça dizendo que sim e nada mais. Procurava sempre ficar sozinha, absorta em seus pensamentos, mas era difícil, já sua mãe lhe procurava diversas vezes ao dia para pedir perdão, o que lhe provocava fadiga e estresse e no terceiro dia de pedidos já quase nem respondia e nem sentia medo de não respondê-la, ficando somente calada para evitar falar coisas que lhe feririam mais do que provocariam a ira.

Após uma semana passando óleo de buriti na queimadura e fazendo uso dos remédios receitados, a pele de sua bochecha já havia sido renovada e pôde voltar aos afazeres diários, desde que não andasse muito no sol e caso precisasse,

teria que sempre passar gel de babosa, para assim evitar que a recém formada pele ficasse escurecida. Vendo que a cicatriz não estava ficando horrenda, Guadalupe foi parando aos poucos de pedir perdão e de fazer orações a qualquer hora do dia, e também voltou a ser rígida, mas agora, um pouco menos do que fora antes. Era uma mulher de semblante sério, que fazia com que parecesse que sempre estava guardando rancor de algo, pele cor de sardônio e longos cabelos negros extremamente anelados como que macarrão parafuso, preso em coque no alto da cabeça. Míseras coisas a deixavam fora de si. Certa vez, quando Celeste tinha lá para os seus oito anos de idade, colocou a menina de joelhos e bateu nela com uma cinta de couro até que marcas rochas surgissem em suas costas, além disso, pisou no seu rosto com um chinelo que Celeste nunca esquecera a cor e as formas do solado, porque a imagem dele se aproximando do seu rosto nunca saíra de sua cabeça, tudo porque a menina havia deixado cair no chão, um prato de porcelana.

Na tarde daquele mesmo dia, depois que seu padrasto conseguiu conter a fúria de sua mãe, Celeste foi sentar-se em um tronco de árvore caído em um pasto próximo do casarão. Admirava a paisagem banhada pela luz dourada do pôr-do-sol e imaginava coisas fantasiosas como anjos voando entre nuvens de algodão doce. Imaginava que um dos anjos a puxava pela mão e a levava para além das nuvens, onde ela encontraria uma cabaninha de madeira, com um jardim extenso de flores e árvores. Da cabana, subia um aroma de pão quentinho que se misturava com o aroma das flores e criava uma fragrância sentida somente antes que sua querida Vovó Adélia falecesse. De longe, ela avistava a senhora de cabelos brancos e auréola na cabeça que ela tanto amou em vida, e que continuava amando da mesma forma agora. Fazia um tapete de crochê, sentada em uma cadeira de balanço na pequena varanda da cabaninha. Seu semblante iluminado refletia a paz daquele lugar imaginário. Celeste se aproximava da cabaninha quando de repente foi forçada a voltar para a realidade ao ouvir o mugido das vacas leiteiras e a voz de seu padrasto gritando: “Vaca, rêemm! Rêem...”. Só então percebeu que estava tarde e que deveria voltar para ajudar sua mãe nos preparos para o jantar.

Agora, com seus doze anos de idade, Celeste ainda observa a paisagem durante o pôr-do-sol naquela mesma árvore, mas não viaja em sua mente para lugares imaginários, viaja por entre as lembranças, hora boas, hora ruins. Ainda se

lembra nitidamente do dia em que Vovó Adélia partiu. Havia surgido um carroço do lado direito do seu abdômen que aumentava com o passar do tempo e quem a estava tratando era o único médico do povoado, das quais Celeste desconfiava que ele tinha receitado medicamentos aleatórios, pois não sabia a origem da doença. Não havendo melhoras, somente pioras, Vovó Adélia deitada em sua cama, mandou que chamassem todos da família e pediu que entregassem seu destino a divina providência, pois estava farta de ser cuidada por enfermeiras que ela não conhecia e que lhe empurravam remédios diversos sob os mandos de um médico que não avaliava sua condição da maneira correta, tendo várias vezes, segundo ela, aparecido na porta de seu quarto somente para perguntar como se sentia e nada mais, como se estivesse o tempo todo fazendo experimentos com um rato. Apesar da resistência da família no início, logo ficou claro que, de fato, o médico não sabia o que estava fazendo. A doença de Vovó Adélia piorou rapidamente e tiveram que mandar fabricar um ataúde com a tampa bastante alta, pois o caroço cresceu tanto e a deixou tão inchada que parecia que estava grávida quando faleceu. Celeste tinha somente seis anos quando ela se foi, mas ainda lembra de quando ela parou de falar e passava a noite gemendo de dor, impossibilitando que qualquer pessoa da casa dormisse, e de que quando finalmente Deus a levou, ela estendeu a mão em direção a menina e lágrimas escorriam em seu rosto. Um choro silencioso de saudade e ao mesmo tempo de alívio, choro de quem se despedia eternamente da vida. Naquela época, Celeste não compreendia muito bem a gravidade daquele trágico acontecimento, mas agora ela entende que sem a avó, tornou-se mais sozinha do que nunca, pois mesmo que tivesse seus irmãos, Sofia e Miguel Hernández, eles não compreendiam o peso de ser a irmã mais velha. Celeste, apanhou várias vezes sem ter culpa devido as traquinagens dos irmãos mais novos, que eram mentirosos natos, contrariamente a ela, que talvez pelo medo de ser espancada mais do que já era ou pela descendência de seu pai, que não era o mesmo dos irmãos, era honesta, preferindo apanhar em nome da verdade do que da mentira.

Quando viu que o sol já sumia quase que completamente no horizonte, voltou para casa para ajudar Guadalupe nos preparos para o jantar. O jantar não era preparado somente para a família, mas também para todos os seis peões da fazenda, estes dormiam em um alojamento que não ficava muito distante da casa.

Durante o jantar, a família se sentava à mesa na cozinha e os peões tinham o costume de colocar a comida no prato e ir comer sentados nas cadeiras ou chão da varanda. Corria o boato nas redondezas de que Camilo, um dos peões, transformava-se em uma fera selvagem nas noites de lua cheia, mas Celeste procurava não dar ouvidos a estes boatos pela sua dificuldade em dormir. Enquanto as panelas do jantar estavam sendo postas na mesa e todos se serviam, Camilo encarava incessantemente Celeste, como quem estava com fome dela e não da comida nas panelas. O homem, de estatura média, tinha a barba por fazer e a pele morena escurecida pelo sol, possuía a mania de fazer gestos obscenos para a menina sempre que percebia as pessoas distraídas. Celeste já o achava um monstro mesmo que nunca houvesse lhe visto transformado em fera e sentia dele mais nojo e pena do que medo. Algumas vezes a noite durante as fases de lua cheia, chegou a escutar uivos e grunhidos de fera, mas sentia no lugar do medo, uma excitação para que ele entrasse em casa e acabasse com o peso que ela carregava.

Após o jantar, o padrasto de Celeste juntava-se aos peões na varanda da casa para jogar jogos de cartas e dominó. Guadalupe fazia crochê na sala enquanto conversava com Sofia e Miguel Hernandez, nesses momentos, Celeste costumava ler ou escrever no quarto sob a luz de uma candeia. Depois que se cansaram de jogar, os homens foram para o alojamento e todos da casa se preparavam para dormir. Guadalupe entrara no quarto das crianças antes de ir deitar-se apenas para mandar que a menina apagasse o fogo da candeia para não gastar o óleo. Depois que Celeste apagou o fogo, deitou em sua cama e vagou em pensamentos durante horas, esperando por ouvir as vozes e os passos fantasmas desconhecidos e rotineiros, mais uma vez, foi a única a ficar acordada. De repente começou a ouvir os passos, mas estes pareciam diferentes dos de costume, percebeu que a cada minuto eles se aproximavam. Viu pela fresta da porta, a sombra de alguém, o pavor tomou conta de seu corpo e silenciou-a, permanecia imóvel com todo o corpo coberto, exceto os olhos. A porta abriu devagar, nesse momento, a menina rezava em pensamento para que fizesse barulho e alguém acordasse, mas o único barulho que fez foi um pequeno ruído. No escuro, Celeste não conseguia ver o rosto, mas podia ver pela luz clara do luar que entrava pelas frestas das telhas que se tratava de um homem. O desconhecido, parou no quarto e

olhava para os lados como quem procurava atentamente alguém específico. Até que se virou e caminhou lentamente em direção a cama de Celeste. Apavorada, quase desmaiando de medo, sentiu a mão pesada do homem escorregar pelo seu rosto em direção a sua boca tampando-a com força. O homem forçou seu corpo contra o de Celeste e imobilizou seus braços com a sua outra mão. O fantasma que Celeste temeu por tantos anos violentou a menina, enquanto lágrimas escorriam misturadas com o vômito que pelo nervosismo Celeste fizera naquela mão pesada antes de um quase desmaio. Por fim, o fantasma foi embora e Celeste permaneceu imóvel, deitada na cama suja de vômito, sangue, suor e outros excrementos. Viu a si mesma de forma deplorável, sentiu nojo de seu corpo e por um instante, pensou em gritar por sua mãe, mas decidiu não o fazer, pois o provável era que ela diria que a menina estava desvairando, que não havia mais ninguém na casa além das pessoas da família, e, possivelmente, ainda lhe desce uns tapas por acordá-la no meio da noite por bobagens. Os tapas que sua mãe lhe daria só não seriam mais duros de lidar do que o sentimento de solidão que lhe assolava. Sem saber o que fazer e sentindo que o único resquício de vontade de viver se esvaia, Celeste chegou a terrível conclusão de que morrer era mais fácil que viver a vida que lhe foi dada. Perdeu todos os sentidos, seu rosto já aparentava ser mais de um fantasma do que de um indivíduo com vida. Levantou-se da cama fétida, abriu a porta e caminhou em direção ao quintal. No quintal, olhou para o céu, e viu que a beleza dele já não era suficiente para prendê-la ao mundo. Era noite de lua cheia, e a redonda bola iluminada flutuava em um céu vasto de estrelas. Como se pode imaginar, logo Celeste ouviu os grunhidos e os uivos da fera que surgiu por entre os matos dos pastos e veio ao encontro dela. A menina não correu, não chorou, não se desesperou, viu nos olhos daquela terrível fera um brilho que a hipnotizou e fez passar diante de si, todos os mais agradáveis acontecimentos de sua vida, percebeu então, que aquele era o mais prazeroso de todos e que aquela noite era a mais linda que já vira. A fera parecia não querer atacá-la, se contorcia e parecia lutar consigo mesma, mas por fim, seu instinto feroz foi mais forte, esquartejou a menina com suas garras e depois sumiu, correndo, por entre os pastos da fazenda. O céu logo ficou repleto de nuvens escuras e chorou, como se tivesse perdido um pedaço de si, porque o mundo perdera o par precioso de olhos da alma de Celeste,

que observava as belezas do mundo com uma profundidade que lhe permitia se fundir a ele.

Na madrugada, quando o galo já cantava, Guadalupe já de pé e com uma candeia na mão, foi ao quarto das crianças para mandar que se levantassem. Quando viu o estado da cama de Celeste e não a encontrou, logo ficou apavorada, saiu correndo procurando a menina, pois seu coração de mãe, apesar de duro, pressentiu o que teria acontecido. Procurou em todos os cômodos da casa, acordou a todos gritando pela filha e quando saiu lá fora, os peões e também seu marido já estavam de pé ao redor dos restos mortais da menina. Guadalupe, caiu em um buraco sem fim de desespero, saiu correndo desvairada, gritando pela filha, até que por fim desmaiou em um pasto. Seu marido a trouxe de volta para casa e preparou os restos mortais de Celeste em um ataúde. A mulher perdeu o juízo e nunca voltara ao normal, não toma banho a não ser que a banhem, não come, a não ser que a alimentem, não fala, não dorme. Celeste foi sepultada debaixo de um pé de ipê do cemitério da fazenda, logo depois do nascer do sol, quando o mundo já se conformara com sua perda e já não chorava mais.

Alguns diziam ter sido a fera, outros que poderia ter sido as onças, mas só quem sabia da verdade era Camilo e o quanto isso lhe doía e pesava em suas costas, pois nunca quis machuca-la ou violenta-la e nunca foi um perverso como ela pensava, pelo contrário, a amava profundamente e desejava tirá-la daquele sofrimento casando-se com ela, foi isto que o fez querer controlar os instintos da fera que reside dentro de si. Por ser ingênuo e inexperiente com mulheres, certa vez, contou a Emanuel, um dos peões, o que desejava e pediu que ele lhe ajudasse a conquistar a menina, já que Emanuel era o peão mais próximo da família. O homem, disse a Camilo que mulheres quietas como Celeste preferem homens ousados, e o incentivou a fazer gestos obscenos para ela sempre que a ocasião permitisse. Após a morte de Celeste Camilo se perguntava incessantemente quais seriam as razões que levou a menina a andar pelo quintal em plena noite de lua cheia, quando todos já dormiam. O que ele e os outros sujeitos da fazenda não sabiam era que Emanuel, que já conhecia muito bem o casarão pela familiaridade, entrou escondido na residência após os jogos de cartas, antes que todas as portas fossem fechadas e se escondeu na despensa da cozinha. Esperou que todos dormissem e foi até o quarto de Celeste, violentou-a e foi embora. Ninguém

nunca desconfiou que teria sido ele a razão da imundície da cama da menina no dia seguinte e muitos menos que foi ele quem tirou o resto de vida que sobrava em seu ser, reduzindo-a a nada, levando-a ao suicídio. Durante o sepultamento, Emanuel chorou com a convicção de quem perdera alguém da família, passava a mão no ataúde e lamentava a morte da menina. Camilo passou dias e dias se perguntando as razões e pensando se não havia algum culpado para aquele passeio noturno, queria, pois, encontrar justificativas para aliviar seu próprio sofrimento, mas depois de duas semanas refletindo, não encontrou nada e tirou a própria vida, dando fim ao sofrimento não somente seu, mas também daqueles que morriam de medo da fera nas redondezas do povoado.

Sentada em sua cadeira de balanço sob o pé de ipê do quintal, Celeste haveria de se recordar de tudo isso. Morava agora na cabaninha de madeira sob as nuvens de algodão, assava pães, plantava flores no jardim e fazia tapetes de crochê na pequena varanda. Após anos, a menina, que agora era idosa, percebeu que aquela senhora que sempre via em suas viagens entre imaginações, não era Vovó Adélia, mas sim ela mesma, que agora contemplava o pôr-do-sol não para amenizar seu sofrimento, pois este já não existia mais, era, pois, para fazer transbordar a imensa paz e felicidade que residia em seu ser.